

comunista, uma revolução sem revolucionários» (p. 295). Ora, talvez seja verdade que durante a década de 1980 fossem poucos os que imaginavam o fim da União Soviética. No entanto, ao longo da década de 1930 o autor de *A Revolução Traída* afirmava que as contradições encerradas pelo regime de Estaline levariam à restauração do capitalismo na União Soviética caso uma revolução política não eliminasse a alegada casta burocrática dirigente. Trotsky voltaria a estar certo, inclusivamente na tese de que os antigos burocratas seriam os novos capitalistas.

Curiosamente, este apagamento de Trotsky não tem paralelo nas também recentemente publicadas *Memórias*, de Raymond Aron. O autor de *O Ópio dos Intelectuais* recorda os artigos da sua autoria em 1933, nos quais afirmava, por exemplo: «creio ser justa a interpretação que Trotsky propõe da política nazi, com uma ressalva: não penso que os planos do ditador sejam tão precisos e tão claros» (Aron 2018: 70). Mas eram. Aron reconhece o seu erro *a posteriori*. Trotsky tinha razão. A «clarividência profética» (p. 17) que Ferro admite em alguns, não a admite a Trotsky. E esse é o principal erro.

Em todo o caso, *A Cegueira* revela-se um excelente livro para todos os que pretendem um olhar autoral sobre o século XX, mais focado na interpretação dos acontecimentos por parte dos diversos agentes da História do que propriamente dos acontecimentos em si.

Bibliografia:

- Aron, Raymond (2018). *Memórias*. Lisboa: Guerra & Paz, p. 70.
Ferro, Marc (2017). *A Cegueira – Uma outra história do nosso mundo*. Amadora: Cavalo de Ferro.

JOÃO MOREIRA

joaomoreira.iscte@gmail.com

Instituto de Ciências Sociais e Humanas – Universidade de Lisboa

ORCID: 0000-0002-2408-3790

https://doi.org/10.14195/2183-8925_37_17

Peter Frankopan, *As Rotas da Seda: uma nova história do mundo*, Lisboa, Relógio D'Água, 2018, 726 p., ISBN: 9789899980730

Publicado originalmente em 2015 e traduzido para português em março de 2018 com a chancela da Ítaca, Relógio D'Água, *As Rotas da Seda* de Peter Frankopan, que conheceu um notável sucesso internacional, é a todos os

níveis um livro ambicioso. Professor em Oxford, onde dirige o Centro de Investigação Bizantina e leciona História Global, o autor propôs-se escrever nada menos que «uma nova história do mundo». Rejeitando o eurocentrismo e o «mantra do triunfo político, cultural e moral do Ocidente» (p. 14), o historiador centra o seu olhar na região «que se estende em traços largos das costas orientais do Mediterrâneo ao mar Negro e aos Himalaias» e que abrange estados como o Irão, o Iraque, o Afeganistão, a Síria, a Rússia e os países do Cáucaso. Para Frankopan é aqui a «encruzilhada da própria civilização» (p. 15), berço das religiões do Livro, do budismo e do hinduísmo, palco principal das redes onde circulavam e circulam mercadorias, recursos, pessoas e ideias; redes que o geólogo Ferdinand von Richthofen batizou no último quartel do século XIX como Rotas da Seda.

Recorrendo a uma panóplia multilíngue de fontes e de bibliografia (que a profusão de notas atesta), o historiador de Oxford traça um percurso onde o fio condutor é o domínio das rotas comerciais por diferentes impérios, cuja sucessão ao longo do tempo não deixará de nos lembrar o estatuto transitório dos vitoriosos. Esta é uma história de poder, onde a guerra e a luta pelo domínio dos recursos têm o papel principal.

As primeiras páginas, e não por acaso, mostram-nos o esplendor do Império Persa e a razão pela qual Alexandre o conquistou: o Ocidente não lhe interessava, pois a «Europa nada tinha a oferecer» (p. 24). Também Roma assentou o seu êxito e glória na captura do Egípto e na sua expansão para Oriente, e não nas suas províncias ocidentais. Invasores como os Rus' ou os Mongóis não estavam interessados na Europa Ocidental, mas sim no Oriente e nas cidades que estabeleciam as ligações das Rotas da Seda. Frankopan mostra exemplarmente como o Oriente floresceu, com novas e velhas rotas, onde transitaram as mais diversas mercadorias – seda, especiarias, produtos de luxo e um intenso e lucrativo negócio de escravos –, ao mesmo tempo que foram o veículo de entrada dos invasores que desejavam o seu domínio.

As rivalidades entre o Império Romano do Oriente e o Império Persa, e as lutas internas entre os cristãos – uma oportunidade perdida, considera Frankopan, para um Oriente que poderia ser cristão – são o pano de fundo da ascensão do Islão. O sucesso da expansão do Islamismo, ao propor uma «nova identidade» ao mundo Árabe (p. 100), é explicado em grande medida pela tolerância religiosa, que permitiu a convivência pacífica entre os conquistadores e as populações, mas também pela mensagem de unificação. É a época dourada do mundo árabe, onde a riqueza alimentou um período de inegável fulgor intelectual – na Literatura, na Álgebra, na Astronomia ou na Medicina.

O mundo girava em torno do Oriente, como as Cruzadas o demonstram. Mais do que uma guerra religiosa – memória que perdura na Europa –, as Cruzadas foram uma «maneira de obter grandes fortunas e poder» (p. 169).

Contribuíram para o florescimento das economias europeias e em especial das cidades italianas, que se transformaram em «potências internacionais» (p. 172). Mais tarde, e sobre os escombros da peste negra e do efeito catalisador que esta representou – do ponto de vista social e económico –, inicia-se um processo de mudança que com a ascensão dos impérios ibéricos, no século XV, mudará o «centro de gravidade» para o Ocidente (p. 236).

Espanha e Portugal ligam o mundo, criam novas rotas, expandem-nas e por vezes substituem-nas e impulsionam a Europa para o «centro do palco» (p. 237). É sobre este processo de mudança, que abarca a ascensão e queda dos impérios ibéricos, o despertar das potências do Norte da Europa, e que nos conduz até às portas da primeira grande guerra, que Frankopan dedica cerca de um quinto do livro. Não se espere encontrar alguns dos marcos mais familiares deste período histórico (apenas dois exemplos, a Reforma protestante é praticamente ausente e a Revolução Francesa é referida uma vez e de passagem). O que encontramos é um relato sobre as novas rotas abertas pelos conquistadores espanhóis, que inundaram de prata, ouro, pedras preciosas e tesouros artísticos a Europa. Este fluxo, em combinação com a nova rota marítima ao longo da costa de África – aberta pelos portugueses – permitiu não só o florescimento da Europa, mas também do Oriente – sobretudo Índia e China – onde as riquezas do Novo Mundo chegavam na proporção das exigências de luxo de uma Europa em crescimento.

No entanto, o preço foi elevado. A construção dos grandes impérios foi feita «com base na capacidade de infligir a violência em grande escala» (p. 237). Para Frankopan, o Iluminismo e a Idade da Razão não resultaram de uma evolução do pensamento que progressivamente rumou em direção à «democracia, às liberdades cívicas e aos direitos humanos» (p. 237). Não existiu uma qualquer cadeia que ligou Atenas e Roma à Europa da Idade Moderna, essa é uma construção que escolheu «seletivamente o passado de maneira a criar uma história». O Renascimento é, na verdade, «um primeiro nascimento» (p. 255).

A era dourada do Império britânico e a Independência da América em 1776, constituem o prelúdio para um contínuo de guerras e conflitos que atravessam o século XX e XXI, e à qual o autor dedica cerca de metade do livro, cujo palco é sobretudo o Oriente. A análise e interpretação deste período é feita à luz da luta pelo domínio dos territórios e dos recursos a eles associados: das causas mais profundas das duas grandes guerras (de acordo com Frankopan, não só a invasão da Rússia pelas tropas alemãs visou o acesso ao trigo da Ucrânia, como a sua escassez foi um dos motivos da Solução Final), passando pela Guerra Fria (para o historiador, a arena principal não foi a Europa de Leste ou Berlim, mas «o flanco meridional da União Soviética», p. 487) e pelos conflitos mais recentes no Irão, no Iraque ou no Afeganistão.

O petróleo, personagem principal das novas rotas comerciais (a renegociação das concessões petrolíferas, imposta nos finais da década de 40 pelos países produtores de petróleo, teve um «impacto semelhante à descoberta das Américas e à redistribuição da riqueza global que lhe seguiu», p. 465) e as lutas pelo seu domínio, fazem nascer, por sua vez, novas e obscuras rotas, como as da venda de armamento e tecnologia nuclear.

O retrato dos Impérios – do Britânico e do Americano – está muito longe de ser favorável, situando-se entre o cinismo, a arrogância e a mais pura das incompetências, originando o que o autor denomina, e não sem razão, «a rota da tragédia». No fundo, a sucessão de eventos que o mundo tem vindo a assistir desde os anos 90, resultado da «falta de perspetiva sobre a História global» (p. 574).

Na sua conclusão, e olhando para o tempo presente, Frankopan alerta para o surgimento de uma nova rota da seda, já presente entre nós, que recoloca o centro do mundo na Ásia Central e na China. É aqui, na China, que paulatinamente se constrói um novo império, tendo por base uma velha estratégia, a aquisição e domínio dos recursos naturais e a construção de redes, sejam elas as conhecidas redes de transporte ou as modernas redes de telecomunicações.

As *Rotas da Seda* de Peter Frankopan é um bom livro de história, com o qual se aprende muito. Bem escrito, está repleto de pequenos detalhes e curiosidades, que tornam o texto vivo e extremamente apelativo (a descrição dos portugueses do século XV, feita por um visitante polaco, arrancará certamente alguns sorrisos aos leitores). Outra das qualidades do livro, é o arrojo na tomada de algumas posições controversas. Porém, há que assinalar alguns aspetos, que me merecem um olhar mais crítico. Em primeiro lugar, as ausências notórias dos continentes americano (com exceção dos Estados Unidos da América) e africano (onde apenas o Egito merece menção) numa história do mundo. Mas também outras ausências são dignas de registo, como é o caso do Império francês. Sendo evidente que um estudo de longa duração tem que necessariamente implicar um processo de seleção, talvez o subtítulo devesse ser um pouco menos ambicioso. Em segundo lugar, há um notório desequilíbrio no livro, que dedica metade das suas páginas ao longo século XX. Por último e quanto a mim o maior problema do livro, reside em alguns juízos que o autor emite, nem sempre isentos de uma dualidade de critérios.

Não negando o papel ativo da Europa na exploração do outro – fosse na América, fosse em África ou na Ásia –, nem que a sua ascensão acarretou «um terrível sofrimento às terras recentemente descobertas» (p. 237), a afirmação do autor que a «era dourada» europeia produziu arte e literatura «forjada pela violência» (p. 299) é no mínimo tendenciosa. Primeiro, porque que se aplica, igualmente, a outras geografias: das pirâmides do Egito, à arte do Império

Islâmico. Segundo, por ser também aplicável a outros tempos, qual a razão para não se estender esse raciocínio aos castelos feudais? À Grécia antiga? A Roma? Aos regimes autocráticos da Ásia Central? À Rússia? Por fim, por ser um juízo que ou não tem consequências – a violência tem demasiadas cambiantes – ou implica a desvalorização e secundarização dessa arte, o que me parece um caminho perigoso e que suporta radicalizações estéreis.

O espectro da violência é um tema caro a Frankopan, que vê a Europa como o «continente mais agressivo, instável e menos voltado para a paz» (p. 298). A violência é, segundo o autor, a sua marca distintiva. Não se pode negar a história de violência da Europa. A questão é que está longe de estar sozinha, e idênticos juízos não são produzidos sobre os Rus', os Mongóis, o Império Islâmico ou o Império Soviético, por exemplo. Tenho muitas dúvidas que a Europa deva estar nesse pódio sozinha ou que se deva fazer esse pódio.

A quase ausência de referências à divisão fratricida do Islão, é um último aspeto que merece menção. É certo que Frankopan aborda as lutas internas do islamismo, mas de passagem e num capítulo onde mostra uma imagem de tolerância e de esplendor do Império Islâmico, na sua época dourada. Ora, a divisão entre xiitas e sunitas e a história de intolerância religiosa a ela associada atravessa os séculos e está hoje bem presente. Mas o autor não a equaciona, nem mesmo como um dos motivos para a instabilidade da região, a qual baseia e explica tão somente no imperialismo ocidental.

Em suma, Frankopan pretendeu cortar com uma perspetiva eurocentrista, mas o seu olhar é muitas vezes condicionado pelo peso de uma visão excessivamente negativa do Ocidente.

ANA SANTIAGO FARIA

anasantiagofaria@gmail.com

ORCID: 0000-0002-9257-118X

https://doi.org/10.14195/2183-8925_37_18

Gunther Pallaver, Michael Gehler, Maurizio Cau, (eds.) (2018). *Populism, populists, and the crisis of political parties. A comparison of Italy, Austria, and Germany 1990-2015*. Bologna and Berlin, Società editrice il Mulino, Duncker & Humboldt, 2018, 338 p. ISBN 978-88-15-27571-4 | 978-3-428-15418-0

Partindo de estudos de caso em Itália, Áustria e Alemanha, esta publicação junta-se à extensa reflexão académica que nos últimos anos, por impulso da realidade política, se tem feito em torno do populismo e da alegada crise da(s) democracia(s) europeia(s). Como obra coletiva, traz alguma repetição de abordagens na conceptualização do populismo e determinação das